



Aprender a articular modos possíveis para seguir a experiência: reflexões a partir de uma etnografia diante de práticas cotidianas digitais

Leonardo Pastor¹

Resumo

Este texto toma como ponto de partida uma etnografia diante da prática de selfie, realizada durante dois anos na cidade de Salvador, para discutir modos possíveis de seguir a experiência vinculada a práticas cotidianas digitais. O objeto de estudo não foi um ambiente digital específico, ou alguma comunidade em certa plataforma, mas uma prática que se articula diferentemente em distintos espaços, envolvendo uma diversidade de afetos e entidades humanas e não humanas que compõem a experiência seguida. A partir da vivência com este trabalho etnográfico, busco produzir reflexões que auxiliem na formulação de questionamentos voltados para investigações de práticas permeadas por amplas digitalizações da vida cotidiana. Nesse sentido, testo um modo de seguir a experiência que se volta para o acompanhamento de trajetos construídos na interação entre diversos ambientes, plataformas digitais e relações. Discuto não apenas o posicionamento, enquanto etnógrafo, de me manter aberto às possibilidades do que pode surgir em campo, mas também a relação com o que Isabelle Stengers chamou de uma “ética do pensamento” na filosofia de William James: uma abertura para o possível que acolhe o acaso e refuta uma determinação e fechamento do universo, e, ao mesmo tempo, aponta para o nível dos efeitos, obrigando a agir e simultaneamente hesitar diante das possibilidades de experiência. Tendo como inspiração o empirismo radical de James e o pragmatismo especulativo de Stengers, coloco em questão a investigação de práticas digitais cotidianas a partir de uma contínua reconstrução das experiências, obrigando o pesquisador a hesitar diante dessas possibilidades de experiência, desacelerar, adentrar-se no cotidiano, e criar maneiras para responder às questões que emergem na prática.

Palavras-chave: práticas digitais, *selfie*, experiência, etnografia, pragmatismo

Etnografia diante da prática de selfie

“Qual o conceito de selfie?” – perguntou-me Iara, uma das participantes desta pesquisa, na primeira vez que conversamos. Naquele momento acabei tentando, de maneira insegura, criar uma resposta, para em seguida admitir: não saberia dar um conceito exato. Resolvi cortar rapidamente a conversa sobre uma possível definição de selfie e mostrei uma das

¹ Doutor em Comunicação e Cultura Contemporâneas (UFBA) / Pesquisador do Núcleo de Estudos sobre Corpos, Sensibilidades e Ambientes (ECSAS/UFBA) e professor substituto da Universidade Federal de Sergipe.

imagens publicadas por ela na galeria do Instagram, questionando-a sobre aquele momento, como a imagem foi produzida e compartilhada. Acabei transformando a busca por uma definição em prática.

Essa situação lembrou-me, depois, de uma descrita por William James (2000) no livro *Pragmatism*. Ele relata um momento no qual, ao participar de um acampamento, encontrou algumas pessoas engajadas em uma disputa metafísica. Ao imaginar um esquilo e um homem, cada um posicionado em lados opostos de uma árvore, fazendo um movimento rotativo simultâneo para a mesma direção – e portanto nunca se encontrando –, foi levantada a seguinte questão: o homem anda em torno do esquilo ou não? Pode-se imaginar rapidamente que o homem anda em torno da árvore, e o esquilo está nesta árvore, mas seria possível dizer que ele anda em torno do esquilo? Um grupo de pessoas dizia que sim, outro que não. James (2000: 24) formulou a seguinte resposta:

O grupo que está correto”, eu disse, “vai depender do que vocês *practically mean* por ‘ir em torno’ do esquilo. Se você quer dizer passar de seu norte para o leste, e então para o sul, depois para o oeste, e então para o norte dele novamente, obviamente o homem dá a volta nele, porque ele ocupa essas posições sucessivas. Mas se por outro lado você quer dizer estar primeiro à sua frente, depois à sua direita, e então atrás dele, depois à sua esquerda, e finalmente à sua frente, é realmente óbvio que o homem falha ao dar uma volta nele, porque a partir dos movimentos compensatórios do esquilo, ele mantém sua barriga na direção do homem todo o tempo, e suas costas viradas para o outro lado. Faça a distinção, e não existe oportunidade para qualquer outra disputa. Vocês estão ambos certos e errados dependendo se vocês consideram o verbo ‘dar a volta’ em um sentido prático ou em outro.²

Apesar de simples e trivial, este é um exemplo, escreve James (2000: 25), do que ele chama de “método pragmático”. Trata-se, em primeiro lugar, de um “método para assentar disputas metafísicas que de outro modo se estenderiam indeterminadamente.”³ Em termos filosóficos, portanto, refere-se a uma maneira de interpretar certas noções “rastreado suas

² “Which party is right,” I said, “depends on what you *practically mean* by ‘going round’ the squirrel. If you mean passing from the north of him to the east, then to the south, then to the north again, obviously the man does go round him, for he occupies these successive positions. But if on the contrary you mean being first in front of him, then on the right of him, then behind him, then on his left, and finally in front again, it is quite as obvious that the man fails to go round him, for by the compensating movements the squirrel makes, he keeps his belly turned towards the man all the time, and his back turned away. Make the distinction, and there is no occasion for any further dispute. You are both right and both wrong according as you conceive the verb ‘to go round’ in one practical fashion or the other.”

³ “[...] method of settling metaphysical disputes that otherwise might be interminable.”

respectivas consequências práticas”⁴, percebendo as diferenças que seriam produzidas ao se considerar algo como verdadeiro ou falso.

Trabalhando a partir dessa perspectiva, pode-se dizer que a dúvida de Iara, sobre como definir exatamente a palavra “selfie”, seria melhor respondida ao se pensar a partir de uma reformulação da pergunta: o que significa, em termos práticos, fazer uma selfie? Ou seja, eu propus responder a essa questão, conjuntamente com os participantes da pesquisa – os quais chamo de “personagens” –, rastreando as respectivas consequências práticas. Não se trata, como no exemplo de James, de uma disputa metafísica, mas da possibilidade de reconhecer neste método pragmatista uma maneira de perceber as diferenças produzidas ao se fazer uma selfie. Ao me deparar, mais uma vez, com o dilema da questão “qual o conceito de selfie?”, eu poderia pensar: “A única saída é pela via prática.”⁵ (James 1992: 587)

Esta perspectiva pragmatista guiou os primeiros passos de uma pesquisa etnográfica (Pastor 2020) que buscou investigar a selfie através de sua especificidade tanto enquanto prática quanto a partir da trajetória de experiência que se conforma nas relações cotidianas envolvendo plataformas e ambientes digitais. Parti, portanto, do seguinte objetivo: seguir a experiência relacionada à produção de fotografias digitais chamadas selfies. A proposta, dessa forma, não se voltou para uma investigação imagética – ou do próprio caráter fotográfico da selfie –, nem se desenvolveu enquanto uma exploração de redes sociotécnicas em torno do dispositivo (no caso, a câmera – o *smartphone*), mas sim daquilo que é específico de uma comunicação cotidiana – de uma comunicação pensada enquanto prática. Em outros termos, busquei, especificamente, seguir uma experiência vinculada a uma prática cotidiana e situada de selfie. Esta proposta vinculou-se à conformação do problema em um caminho pragmatista: o que constitui, em termos práticos, fazer uma selfie? Em outro sentido, significa, assim, questionar: quais as diferenças localizadas produzidas ao se pensar na selfie não como um tipo de imagem, mas como uma prática? Ou ainda: através de quais processos a prática de selfie se constrói?

No entanto, elas trouxeram uma nova questão, a partir do objetivo do trabalho: como seguir essa experiência vinculada à prática cotidiana e situada de selfie? Mostrava-se necessário, já no início do desenvolvimento daquele projeto, desenvolver um olhar atento às práticas. Ou seja, deparava-me com uma questão que demonstrava a importância de articular modos possíveis para acompanhar a experiência de autotografia digital a partir de suas relações construídas em eventos e encontros no cotidiano hodierno. A proposta de seguir a

⁴ “[...] by tracing its respective practical consequences.”

⁵ “The only escape is by the practical way.”

experiência, portanto, apontava para a necessidade de construir uma trajetória de pesquisa como uma etnografia diante da prática de selfie. A pesquisa, então, desenvolveu-se não a partir de espaços geográficos ou ambientes digitais delimitados e específicos, considerando que a questão não se volta para alguma plataforma ou local particulares, mas para a prática cotidiana de selfie – inclusive em sua própria constituição enquanto prática. Assim, misturando-se entre espaço físico e ambiente digital, tomei uma praça na cidade de Salvador como ponto de partida para o desenvolvimento da etnografia. Ou seja, comecei aos poucos a manter uma rotina de observação presencial naquela praça, identificando práticas e conversando com algumas pessoas ao mesmo tempo em que observava publicações no Facebook e no Instagram⁶ com a geolocalização daquele mesmo espaço.

Foi nesta etapa inicial que eu entrei em contato com pessoas que se tornariam, aos poucos, personagens desta pesquisa, forçando-me a inventar modos possíveis de seguir a experiência a partir de suas práticas cotidianas. A investigação naquele momento escapava daquele espaço físico específico, apresentando-me e me fazendo participar de situações vinculadas ao cotidiano fotográfico de Teresa, Gabriel, Martim, Mônica, Iara, Elena e João⁷. Simultaneamente, os novos caminhos para seguir a experiência extrapolavam também o Facebook e Instagram (apesar de, como fui aos poucos observando, este último se manter bastante presente e relevante), colocando-me em contato com práticas desenvolvidas em outras plataformas, de maneiras específicas em cada interação, e solicitando o envolvimento, em cada prática situada, das diferentes entidades que a compõem. Dentro dos limites⁸ enquanto pesquisador, eu começava, aos poucos, a observar e participar de algumas dessas práticas, inserindo-me em seus cotidianos fotográficos de forma a questionar suas ações, interagir com suas imagens, fazer parte de audiências restritas – tornando-me um “melhor amigo” no modo *stories* do Instagram, por exemplo –, trocar autorretratos, conversar em diferentes plataformas, e *aprender, junto com eles, a pensar diante da prática de selfie*.

Mesmo imerso em uma pesquisa que trabalhava, diretamente, com relações comunicacionais em uma cultura contemporânea, demonstro a importância do diálogo com a antropologia para, assim, permitir-me, conjuntamente com os personagens, efetivamente seguir

⁶ Estas duas redes sociais foram escolhidas por permitir um acompanhamento das publicações a partir de geolocalização, tornando-se, portanto, também ambientes de observação etnográfica.

⁷ Os nomes foram trocados para garantir o anonimato de todos os participantes.

⁸ Mostra-se importante, também, demonstrar que esta pesquisa etnográfica encontra certos limites de acordo com cada situação ou personagem. Com alguns deles foi possível uma maior aproximação, enquanto com outros a relação se mostrou mais distante. Minha participação na prática de selfie de cada personagem, portanto, esbarra nos limites impostos pelas relações que construí com cada um, e por minha própria condição enquanto pesquisador.

a experiência vinculada à prática cotidiana de selfie. Trata-se de um diálogo, na verdade, com uma antropologia pensada, como sugere Tim Ingold (2014), enquanto uma prática de educação – pensar, portanto, a observação participante como um aprendizado. “Observar não é objetificar; é comprometer-se com pessoas e coisas, aprender a partir delas, e seguir preceitos e práticas”⁹, escreve Ingold (2014: 387). Nesse sentido, essa relação com a antropologia me coloca em uma posição de pensar nos modos possíveis para se fazer uma etnografia diante da prática de selfie. Tratam-se, no entanto, de modos que convocam uma relação imersiva diária, a todo momento, com práticas que observei e com as quais interagi não apenas presencialmente, em conversas com os personagens, mas também através de diferentes ambientes e plataformas digitais. Como lembra Theophilos Rifiotis (2016: 94), inclusive, especialmente neste tipo de etnografia, voltada para a cultura digital, deve-se atentar para o fato de que “o foco etnográfico deixa de ser os sujeitos humanos como totalidades já dadas de antemão e passa a ser a ação, os agenciamentos, incluindo-se todos os partícipes (actantes) que atuam no seu curso.” Por outro lado, é importante destacar que a investigação desenvolvida não se constituiu enquanto uma etnografia virtual (Hine 2000), netnografia (Kozinets 2010) ou etnografia digital (Pink *et al.* 2015) – mesmo que, em certos momentos, alguns procedimentos sugeridos por esses autores se mostrem presentes. O objeto de estudo não foi um ambiente digital específico, ou alguma comunidade em certa plataforma, mas sim uma prática que se articula diferentemente em distintos espaços, envolvendo uma diversidade de afetos e entidades humanas e não humanas que compõem a experiência seguida. Se há neste percurso, portanto, aspectos de uma etnografia digital, ela entra enquanto problematização, aproximando-me, por exemplo, da crítica de Rifiotis (2016, p. 89) que sugere compreendê-la a partir de um direcionamento para “descrever aquele/aquilo que faz diferença no curso da ação”.

É nesse sentido, de se pensar no processo de produção de diferenças, que a pesquisa desenvolvida se diferenciou de outras¹⁰ investigações de caráter etnográfico sobre selfies (Wargo 2015; Weilenmann; Hillman 2020). Ao invés de conduzir observações participantes apenas de performances locais, como fazem Weilenmann e Hillman (2020) em espaços públicos, ou a partir de uma plataforma específica, como desenvolve Wargo (2015) com o

⁹ “For to observe is not to objectify; it is to attend to persons and things, to learn from them, and to follow in precept and practice”.

¹⁰ Além daquelas indicadas no corpo do texto, outras pesquisas apresentam nominalmente a etnografia dentre “métodos mistos” utilizados, porém desenvolvem observações participantes pontuais e em curto espaço de tempo, e não efetivamente uma investigação etnográfica (Cornelio; Roig 2018); há, também, um interessante artigo de Gómez Cruz (2016) que revisita sua pesquisa etnográfica anterior sobre práticas fotográficas digitais – antes do surgimento do nome “selfie” –, buscando compreender como as práticas de autorretrato daquele momento ajudam a compreender o fenômeno atual das selfies.

Tumblr, a proposta colocada em prática pauta-se por um modo de seguir a experiência que se volta para o acompanhamento de trajetos construídos na interação entre diferentes espaços, plataformas digitais e relações.

Este artigo, portanto, visa trazer reflexões a partir dessa etnografia desenvolvida, explorando aspectos teórico-metodológicos de uma relação entre experiência etnográfica, investigação de práticas digitais cotidianas e aberturas para o possível.

Modos possíveis para seguir a experiência

De maneira semelhante a Annemarie Mol (2002), que desenvolve uma etnografia para compreender como uma doença se desenvolve na prática, eu busquei entender como a selfie se constrói em uma trajetória de experiência – através de quais processos, inclusive, ela se torna uma prática. Mol tratou em certos momentos os interlocutores com os quais dialogava como se eles fossem seus próprios etnógrafos – etnógrafos, portanto, não de significados, sentimentos ou perspectivas, mas que poderiam revelar como seus corpos doentes são produzidos na prática. O que me conduzia durante a etnografia, portanto, não era a percepção dos personagens sobre a imagem produzida por eles, mas as relações construídas na experiência, as situações com as quais eles se deparavam, sobre eventos experienciados – diante de um conjunto diverso de entidades – que fazem parte de diferentes práticas de selfie. Mesmo quando a ideia de *tornar-se personagem* mostra-se como uma trajetória relevante na experiência, ela não se coloca enquanto uma situação questionadora sobre as percepções ou perspectivas, mas como um aprendizado sobre e através dessas práticas. Da mesma forma, as observações e interações pautaram-se por um movimento de acompanhar e envolver-me com as maneiras através das quais imagens são produzidas e compartilhadas, algoritmos são articulados e rearticulados através das ações, ou possibilidades conversacionais são reveladas – sempre através das produções de diferença situadas, em eventos desenvolvidos na prática e que formam uma experiência cotidiana de autofotografia digital. O trabalho de campo, assim, não se construiu pela busca por percepções ou tentativas de generalizar socialmente aspectos do fenômeno, mas sim, como escreve Viveiros de Castro (2015: 27), tentando fazer “proliferar as pequenas multiplicidades”. Assim como Souriau (2009a) com seus modos de existência, o projeto de seguir a experiência tornou-se, portanto, um trajeto aberto para as possibilidades de produção de diferença – um exercício etnográfico:

O exercício da pesquisa de campo é, portanto, antecipatório, na medida em que é aberto ao que virá depois. No meio-tempo, o aspirante a etnógrafo reúne material cujo uso não pode ser previsto, fatos e questões coletados com pouco conhecimento de suas conexões. O resultado é um ‘campo’ de informação ao qual é possível retornar, do ponto de vista intelectual, para fazer novas perguntas sobre desenvolvimentos posteriores cuja trajetória de início não era evidente. (Strathern 2014: 353–354).

É nesse sentido que o trabalho de campo inicial na praça leva-me a acompanhar a experiência vinculada à prática de selfie de diferentes pessoas, revelando-me distintos cotidianos fotográficos. Mas este modo de seguir a experiência vincula-se não apenas a um sentido etnográfico de imersão e movimento, como sugere Marilyn Strathern (2014), mas também a uma abertura e engajamento com o possível (Stengers 2002; Stengers; Debaise 2017) em termos pragmatistas. Ou seja, significa não apenas manter-me aberto às possibilidades do que pode surgir em campo, mas também deparar-me com o que Isabelle Stengers (2007) chamou de uma “ética do pensamento” na filosofia de William James: uma abertura para o possível que acolhe o acaso e refuta uma determinação e fechamento do universo, e ao mesmo tempo aponta para o nível dos efeitos, obrigando a agir e simultaneamente hesitar diante das possibilidades de experiência. É nesse sentido que, por exemplo, acolho a proposta de Savransky (2016: 109–110) de pensar em uma investigação que não se volta para um modo de conhecer sobre o campo, ou a partir dele, mas *diante* do campo – “na presença de todas as entidades, humanas e outra-que-humanas, que constituem a situação”¹¹. Por isso, portanto, tratou-se não de uma etnografia da prática de selfie, ou sobre ela, mas uma *etnografia diante da prática cotidiana de selfie*. Mostrava-se necessário, assim, articular maneiras de responder às questões colocadas por esta pesquisa diante desta prática. E o primeiro passo, conjuntamente com o trabalho etnográfico, foi justamente pensar – e agir, colocando o pensamento à prova, como sugere Stengers (2007) – nos efeitos de se propor *seguir a experiência*.

Dialogando com empirismo radical de William James, eu desenvolvo (e experimento) no percurso da pesquisa a compreensão de experiência como *processo, produção de diferença* e como *trajeto*. Desta forma, propus seguir a experiência como uma maneira de perceber a constituição de um trajeto a ser seguido, abrindo espaço para rastrear as diferenças práticas, além de articular seu desenvolvimento processual de propagação e conexão a partir de novas experiências.

Tratar experiência como processo, pensando em termos de um empirismo radical (James 1912, 2000), pode trazer algumas consequências práticas. Primeiro, evita-se, em termos

¹¹ “in the presence of all the entities, human and other-than-human, that constituted the situation”.

empíricos, uma visão voltada para fatos isolados e desagregados, como se a experiência fosse constituída por momentos fragmentados da realidade; ela se coloca, na verdade, como aquilo que se propaga e se conecta a partir de outras experiências. Segundo entender uma experiência como processo, nos termos do pragmatismo, ajuda a evitar definições estáticas, pontos de partida apriorísticos ou sistemas fechados para compreender certas realidades; ao contrário, permite uma atenção aos fatos através de seus próprios modos de desenvolvimento em termos experienciáveis. Por fim, não restringe a experiência àquilo associado à percepção humana, ou a uma lógica representacional, mas a pensa enquanto um fluxo capaz de produzir diferenças, nunca restrito a um dualismo sujeito/objeto, e sempre direcionado a novas experiências.

De forma semelhante¹², Martin Savransky desenvolve uma compreensão do conceito de experiência – tomando como base, em seu caso, tanto o trabalho de James quanto o de Whitehead – que, conjuntamente com a concepção aqui apresentada, ajuda-me a esclarecer o que estou chamando de “seguir a experiência”: para ele, uma investigação que parte de um empirismo radical permite expandir

‘experiência’ para incluir não apenas fatos ou coisas isoladas mas também as relações experienciadas entre elas; não apenas experiências humanas ou subjetivas, mas também experiências outras-que-humanas; não apenas experiência perceptiva, mas também a experiência de pensamento, conceitos e ideias; não apenas a experiência das coisas como elas são, mas também daquilo que elas podem se tornar. Ele acolhe experiências por todo o caminho.¹³ (Savransky 2016: 16).

É possível observar como o pragmatismo desenvolvido por James, inclusive na relação com uma teoria pragmatista da verdade, traz uma tomada de posição interessante não apenas para o tratamento de questões filosóficas, mas também para uma investigação como esta, que se propõe a compreender um fenômeno e prática contemporânea nos termos das experiências cotidianas, acolhendo, portanto, como propõe Savransky, “experiências por todo o caminho”. Interessa-me, enfim, aquilo que é experienciável, que produz diferença a partir das próprias relações experienciáveis; ou, nos termos de William James (1912: 92–93):

¹² No caso de Savransky, pensa-se em termos de “experiência” para, a partir do empirismo radical, propor a possibilidade de cultivar um cuidado diferente com o conhecimento na prática das ciências sociais contemporâneas.

¹³ “That is, a radical empiricism which expands ‘experience’ to include not just isolated facts or things but also the experienced relations between them; not only human or subjective experiences, but also other-than-human experiences; not only perceptive experience, but also the experience of thought, concepts and ideas; not just the experience of things as they are, but also of what they could be. It entertains experiences all the way down.”

O método pragmatista começa com o postulado de que não há diferença de verdade que não faça uma diferença de fato em algum lugar; e busca determinar o significado de todas as diferenças de opinião ao fazer a discussão se basear o mais rápido possível em alguma questão prática ou particular. O princípio de experiência pura é também um postulado metodológico. Nada deve ser admitido como fato, ele diz, exceto o que pode ser experienciado em algum tempo definido por algum experiente; e, para cada característica do fato experienciado, um espaço definido deve ser encontrado em algum lugar no sistema final de realidade. Em outras palavras: Tudo que for real deve ser experienciável em algum lugar, e todo tipo de coisa experienciada deve ser real em algum lugar.¹⁴

O caráter de realidade associa-se, portanto, à experiência. Mas falar, nesses termos, em experiência, significa também compreender aquilo que se constrói a partir da produção de diferença. Pensar em consequências práticas – e buscá-las, sempre, na experiência – pode ser traduzido como um direcionamento para perceber as diferenças práticas; ou seja, relacionar esse status de realidade unicamente àquilo que é experienciável, como no trecho acima, é também tratar como experiência o que produz diferença ou se constrói na produção de diferença. Rastrear as respectivas consequências práticas, como sugere James, significa, a partir de algum problema, questionar-se: “Que diferença será produzida na prática”¹⁵? (James 2000: 25)

Esse mundo de experiência pura, portanto, é um mundo construído pela produção de diferença que é realizada na experiência. Sendo possível traduzi-lo para os termos de uma investigação social, poderia dizer, relacionando a um argumento de Gabriel Tarde¹⁶, que se trata de um social que é construído a partir de imitação e diferença: pensando, portanto, a sociedade não enquanto uma organização de indivíduos ou uma entidade superior agregadora – como em uma sociologia de influência durkheimiana (Durkheim 2014) –, mas uma “organização da imitatividade”¹⁷ (Tarde 1890: 78). A continuidade do social – e, poderia dizer, a continuidade da experiência –, segundo Tarde, dá-se pela imitação; são repetições, imitações que geram diferenças.

¹⁴ “The pragmatic method starts from the postulate that there is no difference of truth that doesn’t make a difference of fact somewhere; and it seeks to determine the meaning of all differences of opinion by making the discussion hinge as soon as possible upon some practical or particular issue. The principle of pure experience is also a methodical postulate. Nothing shall be admitted as fact, it says, except what can be experienced at some definite time by some experient; and for every feature of fact ever so experienced, a definite place must be found somewhere in the final system of reality. In other words: Everything real must be experienceable somewhere, and every kind of thing experienced must somewhere be real.”

¹⁵ “What difference would it practically make”

¹⁶ Segundo David Lapoujade (2007), pensando em termos da oposição e do debate entre as sociologias de Durkheim e Tarde, James estaria mais próximo do segundo, especialmente na ideia compartilhada dos autores de uma inseparabilidade entre o indivíduo e o desenvolvimento social. Para mais detalhes sobre o debate entre Tarde e Durkheim, ver: (Candea 2010; Consolim 2010; Vargas 2000).

¹⁷ “l’organisation de l’imitativité”

Essa propagação do social que, para Gabriel Tarde, é feita através de padrões de diferença, ajuda-me a localizar o interesse da etnografia desenvolvida não em verificar o que há de semelhante em toda prática de selfie – ou o que seria uma característica geral da selfie –, mas perceber como “a diferença vai diferindo” (Tarde 2007:94). Ou, nos termos de James, atentar-se para as diferenças práticas. Dessa forma, mostra-se importante chamar atenção para um segundo sentido para o termo “experiência” com o qual busquei trabalhar: pensar em experiência como produção de diferença. É essa perspectiva que me impõe a necessidade de posicionar a questão da pesquisa nesses termos: Quais são as diferenças práticas que se desenvolvem em um cotidiano fotográfico permeado por imagens de si? Através de quais processos a prática de selfie se constrói?

Se o próprio mundo ainda está buscando suas aventuras, sempre *in the making*, como lembra James, essas questões colocam-me na posição de ser confrontado com uma aventura de seguir a experiência. Dado esse caráter processual, pautado pelo modo próprio de uma experiência relacional, poderia dizer que se trata não de um projeto para segui-la, mas de um *trajeto* – fazendo referência, aqui, à proposta de Étienne Souriau (2009a). Pensar em modos para seguir a experiência coloca-me, também, na situação de perceber suas formas conectivas como emaranhados a serem percorridos, em um exercício no qual, ele mesmo, torna-se um modo de experimentação. Considerando que, para James, experiências nos conduzem sempre a novas experiências, dialogo aqui também com Souriau (2009b) para apontar que, se considerarmos apenas a lógica de um projeto, acabamos por eliminar a descoberta e o caráter experimental daquilo que ele chama de uma “obra a ser feita” (*œuvre à faire*). Assim como o autor francês, interessa-me, portanto, a experiência do fazer, o trajeto – e é a partir dele que, segundo Souriau, uma obra é instaurada¹⁸.

A questão da pluralidade dos modos de existência, desenvolvida por Étienne Souriau (2009a), não apenas dialoga com o pluralismo de William James como, também, aproxima-se da proposta pragmatista de pensar em uma realidade em modo constante de experimentação – uma realidade, como colocaria Souriau, que precisa ser instaurada. Pensar em trajeto é justamente abrir espaço e fazer parte desse processo de colocar uma obra à existência, de

¹⁸ Apesar de utilizar principalmente esse exemplo do processo da obra na relação com o artista que a desenvolve, Souriau está tratando de instauração para trabalhar, em termos filosóficos, com a questão do ser. Para ele, os modos de existência não estão dados, já que toda realidade é inacabada, e, por isso, eles precisam ser instaurados. A existência, então, é um trajeto, e dessa forma a própria realidade precisa ser instaurada, assim como todo tipo de existência. Segundo Stengers e Latour (2009), a questão sobre os modos de existência que Souriau desenvolve é uma questão prática, ou pragmática, no sentido de William James, demonstrando portanto uma possibilidade interessante de aproximação dos dois autores, mesmo que, no caso deste trabalho, interessa-me neste momento um diálogo a partir da ideia de *trajeto*.

instaurá-la. E instaurar, explica Souriau (2009b: 208), “é seguir uma via”¹⁹, percorrer um trajeto. É nesse sentido que proponho pensar em experiência também como um *trajeto*. Se, como desenvolve Souriau, esse processo de instauração de uma *œuvre à faire*, uma forma de seguir uma via, traz uma “situação questionadora”²⁰, da mesma forma a experiência que propus seguir se colocava, a cada momento, a cada trecho de seu trajeto, como uma obra que no decorrer de seu próprio desenvolvimento atualiza os questionamentos – impõe ações e reinvenções a todo momento. A etnografia desenvolvida é, afinal, o resultado dessa experimentação de seguir um trajeto; uma experimentação que me permitiu, com hesitações, reformulações e situações questionadoras, abrir novas possibilidades (e inclusive novos questionamentos) sobre a prática de selfie a partir de padrões de diferença que se mostraram relevantes no decorrer desse percurso.

A própria investigação etnográfica, portanto, também se constrói enquanto um trajeto, possibilitando articular respostas diante de encontros possíveis em práticas situadas. De certo modo, a etnografia se torna uma forma de experimentar com a experiência. Ao segui-la, deparei-me com uma diversidade de cotidianos fotográficos, revelando e trazendo questionamentos sobre padrões de diferença na prática de selfie – constringindo-me pragmaticamente, junto com os personagens, a pensar diante dela. Ou seja, delinear e experimentar uma etnografia pragmatista da prática de selfie. Como sugere Laura Nader (2011: 211), a etnografia não se caracteriza como uma simples descrição, “ela é também teórica em seu próprio modo de descrição. Na verdade, a etnografia é uma teoria da descrição”²¹. A maneira que sugiro, portanto, para este exercício descritivo (também teórico) baseia-se na experiência – em termos de uma realidade *in the making*.

Nesse sentido, a proposta foi a de rastrear as conexões e produções de diferença que se formam na experiência. A etnografia não evidenciou o que é a selfie, mas os possíveis modos de experiência desenvolvidos e ativados através de sua trajetória de constituição enquanto prática. Essa busca por uma “maximização das possibilidades de experiência”²² (Stengers 2007: 152), através da investigação etnográfica desenvolvida, revela os modos que, textualmente, formam o resultado da pesquisa – através dos quais apresento e discuto as possibilidades e as atualizações dos questionamentos sobre a prática de selfie.

¹⁹ “Instaurer, c’est suivre une voie.”

²⁰ “situation questionnante”

²¹ “It is also theoretical in its mode of description. Indeed, ethnography is a theory of description.”

²² “La philosophie de James serait la recherche d’une maximisation des possibilités d’expérience [...]”

A finalização dessa trajetória de seguir a experiência leva-me, curiosamente, a perceber a construção de um percurso de aprendizado. Uma trajetória de *tornar-se personagem* misturada a outra de *tornar-se etnógrafo*: juntas, as duas demonstram como a própria prática de selfie se constitui, também, enquanto um aprendizado de relatar a si mesmo. E este aprendizado configura-se, em seu percurso, nas diversas relações (e produções de diferença) que fazem parte da constituição da selfie enquanto uma prática. São relações que passam, assim, pelas maneiras através das quais – em um processo contínuo de reconstrução de experiências – são criados modos possíveis para se experimentar com a vergonha e a visibilidade (Pastor 2021a), para negociar com uma experiência que é também algorítmica, acolher práticas e políticas material-discursivas através de diferentes conformações de materialidades digitais em meio a imagens conversacionais (Pastor 2021b), compartilhando emoções, afetos e intimidades através da produção de pequenas narrativas cotidianas²³.

A pesquisa desenvolvida, tomando como interlocução inicial o empirismo radical de William James, ajuda-me também a pensar em uma preposição investigativa baseada na experiência. Uma experiência, como visto, colocada em questão enquanto processo, produção de diferença e trajeto. Trata-se de um modo de se posicionar diante de um fenômeno que exige, ao meu ver, o posicionamento do problema em termos de suas consequências práticas. *Seguir a experiência* torna-se um trajeto (também etnográfico, neste caso) de rastreamento dos processos de produção de diferença.

Esse posicionamento impõe essa ação: seguir a experiência. Mas ao mesmo tempo, consequentemente, envolve-se com uma abertura para o possível – nos termos de Stengers – que se direciona a uma possibilidade de criação de práticas, inclusive aquelas presentes em um cotidiano fotográfico. Trata-se de seguir a experiência de uma maneira que permita esta abertura para o possível: para as possíveis experiências reconstruídas, obrigando o pesquisador a hesitar diante dessas possibilidades de experiência, desacelerar, adentrar-se no cotidiano, e criar maneiras para responder às questões que emergem na prática. Esse é um desafio, acredito, para pensar as práticas cotidianas digitais – que estão sempre em transformação, aliadas a constantes modulações algorítmicas, diferentes formas de dataficação e modos de visibilidade.

²³ Neste artigo discuto especialmente as consequências teórico-metodológicas do trabalho etnográfico. Para verificar os resultados empíricos sobre a prática de selfie, ver: (Pastor 2020).

Referências

- CANDEA, M. 2010. *The Social after Gabriel Tarde*. New York: Routledge.
- CONSOLIM, M. 2010. Émile Durkheim e Gabriel Tarde: aspectos teóricos de um debate histórico (1893-1904). *História: Questões & Debates*, 53: 39–65.
- CORNELIO, G. S.; ROIG, A. 2018. Selfies and Cultural Events: Mixed Methods for the Study of Selfies in Context. *International Journal of Communication*, 12: 2773–2792.
- DURKHEIM, É. *As regras do método sociológico*. 2014. São Paulo: Martins Fontes.
- GÓMEZ-CRUZ, E. The (Be)Coming of Selfies: Revisiting an Onlife Ethnography on Digital Photography Practices. 2016. In: HORST, H.; HJORTH, L.; GALLOWAY, A. (Eds.). . *The Routledge Companion to Digital Ethnography*. London: Routledge. pp. 300–307.
- HINE, C. *Virtual ethnography*. 2000. London: Sage.
- INGOLD, T. 2014. That’s enough about ethnography! *HAU: Journal of Ethnographic Theory*, 4(1): 383–395.
- JAMES, W. *Essays in Radical Empiricism*. 1912. New York, London: Longmans, Green, and Co.
- JAMES, W. 1992. The Will to Believe and Other Essays in Popular Philosophy. In: *William James Writings 1878-1899*. New York: The Library of America.
- JAMES, W. Pragmatism (1907). 2000. In: *Pragmatism and Other Writings*. London: Penguin Books.
- KOZINETS, R. 2010. *Netnography: doing ethnographic research online*. London: SAGE Publications.
- LAPOUJADE, D. 2007. *William James Empirisme et pragmatisme*. Paris: Les Empêcheurs de Penser en Rond.
- MOL, A. 2002. *The body multiple: ontology in medical practice*. Durham & London: Duke University Press.
- NADER, L. Ethnography as theory. 2011. *HAU: Journal of Ethnographic Theory*, 1(1): 211–219, 1 set.

- PASTOR, L. 2020. *Seguindo a experiência: uma etnografia diante da prática de selfie*. [s.l.] Universidade Federal da Bahia.
- PASTOR, L. 2021a. “My first selfie”: Experimenting with shame and visibility. *First Monday*, 26(4).
- PASTOR, L. 2021b. Selfie e dataficação do cotidiano: um olhar etnográfico para as práticas e políticas material-discursivas. *Civitas - Revista de Ciências Sociais*, 21(2): 260–270, 24 ago.
- PINK, S. *et al.* 2015. Ethnography in a digital world. In: *Digital Ethnography: Principles and Practice*. Los Angeles, London, New Delhi, Singapore, Washington DC: SAGE. pp. 0–18.
- RIFIOTIS, T. 2016. Etnografia no ciberespaço como “repovoamento” e explicação. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 31(90): 85–99.
- SAVRANSKY, M. 2016. *The adventure of relevance: an ethics of social inquiry*. London: Palgrave Macmillan.
- SOURIAU, É. 2009a. *Les différents modes d’existence*. Paris: Presses Universitaires de France.
- SOURIAU, É. De l’œuvre à faire. 2009b. In: *Les différents modes d’existence*. Paris: Presses Universitaires de France. pp. 196–217.
- STENGERS, I. 2002. Un engagement pour le possible. *Cosmopolitiques*, 1: 27–36.
- STENGERS, I. 2007. William James: une éthique de la pensée? In: DEBAISE, D. (ed.). *Vie et expérimentation: Peirce, James, Dewey*. Paris: Vrin. pp. 147–174.
- STENGERS, I.; DEBAISE, D. 2017. The Insistence of Possibles: Towards a Speculative Pragmatism. *Parse*, 201(7): 13–19.
- STENGERS, I.; LATOUR, B. Le sphinx de l’œuvre. 2009. In: *Les différents modes d’existence*. Paris: Presses Universitaires de France. pp. 1–75.
- STRATHERN, M. 2014. *O efeito etnográfico e outros ensaios*. São Paulo: Cosac Naify.
- TARDE, G. *Les lois de l’imitation*. 1890. Kindle ed. Paris: Collection Etudes.
- TARDE, G. Monadologia e sociologia. 2007. In: *Monadologia e sociologia: e outros ensaios*. São Paulo: Cosac Naify. pp. 51–131.

VARGAS, E. V. 2000. *Antes tarde do que nunca: Gabriel Tarde e a emergência das ciências sociais*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria.

VIVEIROS DE CASTRO, E. 2015. *Metafísicas canibais*. São Paulo: Cosac Naify.

WARGO, J. M. 2015. “Every selfie tells a story ...”: LGBTQ youth lifestreams and new media narratives as connective identity texts. *New Media & Society*, pp. 1–19.

WEILENMANN, A.; HILLMAN, T. 2020. Selfies in the wild: Studying selfie photography as a local practice. *Mobile Media & Communication*, 8(1): 42–61, 22 jan.